

NATURALISMO, MITO E CULTURA POPULAR: UMA ANÁLISE DO CONTO “AMOR DE MARIA”, DE INGLÊS DE SOUSA

Vitória Mombrum Leão Magalhães (UEMS)¹
Grupo de Pesquisa Modernismo Periférico: poéticas do século XX

Marcos Vinícius Teixeira (UEMS)²
Grupo de Pesquisa Modernismo Periférico: poéticas do século XX

RESUMO

O presente estudo propõe realizar uma análise literária do conto “Amor de Maria”, de Inglês de Sousa, observando-se a relação entre a protagonista e a presença da cultura popular. A narrativa de Inglês de Sousa, autor naturalista nascido no Pará, aborda a temática da personagem feminina que precisa lidar com a especulação e intromissão da comunidade em sua vida, sendo o enfoque não só nos anseios da protagonista para a conquista de seu amado como também à misticidade popular do norte do país. Em um primeiro momento, o estilo de época destoa com a presença do mito na narrativa, requerendo, nesse sentido, um estudo mais aprofundado também na relação entre o Naturalismo e os aspectos inseridos no conto. O objetivo do trabalho é investigar a relação da cultura popular com a narrativa, de forma a entender como ela é manifestada na construção literária, qual relação é possível estabelecer com o universo naturalista, quais são os elementos presentes, como isso afeta a relação da protagonista com as outras personagens e de que modo isso influencia suas ações. Sendo assim, a importância desse artigo encontra-se tanto na contribuição para os estudos da obra de Inglês de Sousa, autor pouco estudado, quanto para o campo das pesquisas acerca da cultura popular brasileira, possibilitando um diálogo entre ambas as áreas. Para a realização deste estudo, utilizamos o método monográfico, que nos permite investigar a importância da cultura popular no conto “Amor de Maria”, de Inglês de Sousa. Para tanto, recorreremos aos trabalhos de BENJAMIN (1994), CORTÁZAR (2008), CANDIDO (2011), FREITAS (2013), dentre outros.

Palavras-chaves: Inglês de Sousa. Cultura Popular. Naturalismo Brasileiro. Conto.

¹ Graduanda em Letras Português-Inglês e suas literaturas da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

² Possui Doutorado em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (2007-2012), Mestrado em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (2003-2005) e Graduação em Letras - Licenciatura em Língua Portuguesa e Bacharelado em Estudos Literários - pela Universidade Federal de Ouro Preto (1999-2002). É professor do curso de Letras e do mestrado acadêmico de Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul atuando na unidade universitária de Campo Grande-MS. É um dos líderes do Grupo de Pesquisa "Modernismo periférico: poéticas do século XX".

INTRODUÇÃO

Nascido em Óbidos, no Pará, membro e fundador de uma das cadeiras da Academia Brasileira de Letras e representante do Naturalismo no Brasil, Herculano Marcos Inglês de Sousa foi um importante escritor brasileiro do século XIX. Seus dois primeiros livros são *O cacaulista*, de 1876, e *História de um pescador*, de 1876. No ano seguinte, em 1877, publicou o romance *O coronel sangrado. Nenhum deles fez sucesso até que, em 1893, publicou O missionário, tornando-o conhecido*. Por último, publicou seu único livro de contos *Contos amazônicos*, de 1893, em que está inserida a narrativa “Amor de Maria”, objeto de estudo deste artigo, além outros oito contos.

Apesar de ser um importante escritor brasileiro, ainda é pequeno o número de estudos relevantes acerca da vida e produção literária de Inglês de Sousa. Dessa forma, esse trabalho é pertinente e pode contribuir tanto com as pesquisas sobre o autor e suas obras quanto com o campo de estudos da cultura popular brasileira, buscando um diálogo com as duas áreas.

Contudo, é fato que o autor foi bem aceito pela crítica e, por isso, ele e suas obras já foram objetos de estudo de alguns outros pesquisadores. Lúcia Miguel Pereira, por exemplo, foi a primeira estudiosa de Inglês de Sousa, apontando-o como escritor naturalista. Além disso, Dionne Seabra de Freitas, na dissertação *Fantástico e imaginário em contos de Inglês de Sousa*, realiza um estudo da presença do maravilhoso e insólito nos contos de Inglês, enfatizando que quase todos possuem elementos fantásticos, menos “Amor de Maria”, por tratar de temas mais relacionados à cultura popular.

Na segunda divisão de *Contos Amazônicos*, o narrador enfatiza temas relacionados ao universo fantástico, com exceção do conto “Amor de Maria”, posto que nele o leitor adentra e conhece um pouco do imaginário amazônico, devido à uma gama de informações que são construídas a partir de paradigmas vivenciados pelo povo ribeirinho, aquele que vive nas mediações da floresta, palco dos acontecimentos fantásticos. (FREITAS, 2013, p.51).

Assim, este artigo tem como objetivo investigar a relação da cultura popular com “Amor de Maria”, analisando os elementos presentes na narrativa. Para alcançarmos nossa proposta, dividimos o artigo em duas partes. Em um primeiro momento, trabalhamos a ideia de cultura popular e sua relação com a construção literária. Depois, realizamos a análise do conto, de forma a contemplar aspectos como o Naturalismo e a presença do imaginário popular brasileiro.

CULTURA POPULAR E CONTRUÇÃO LITERÁRIA

A cultura popular ainda é um conceito muito difícil de ser definido, uma vez que não há um consenso sobre sua abrangência. Para alguns, ela pode ser usada de forma positiva, enquanto para outros é apenas algo negativo. Além disso, existem debates em que assume divergências com os termos cultura de massa e cultura erudita e em outros, convergências. Assim, cada pensador, dependendo de sua época e corrente teórica, estuda-a de um ponto de vista diferente.

Nessa perspectiva, a historiadora Martha Abreu defende que, mesmo havendo diversos aspectos conflitantes e incertos no que tange o tema, é de suma importância o estudo de cultura popular, sem negligenciar o fato de que “como todo conceito, o de cultura popular também constrói identidades e possui uma história” (ABREU, 2003, p.2). Desta forma, precisa-se entender cultura popular como uma ferramenta moldada através do tempo, necessitando sempre ser estudada a partir de suas transformações ao longo da história.

Assim, como estamos tratando de um estudo literário de cultura popular, é necessário também abordar aspectos históricos do conceito. Foi no século XVIII, na Europa, através da necessidade de separação entre a intelectualidade da época e os conhecimentos camponeses – esses cada vez mais respeitados como identidade das culturas nacionais –, que surgiu, na Alemanha, o conceito de cultura popular.

Já no século XIX, o ensaísta Walter Benjamin aponta dois grupos de narradores como aqueles que perpetuam a experiência das histórias orais. “Se quisermos concretizar esses dois grupos através dos seus representantes arcaicos, podemos dizer que um é exemplificado pelo camponês sedentário, e o outro pelo marinheiro comerciante.” (BENJAMIN, 1994, p. 199). Importante notar que ambos os grupos são compostos por pessoas que detinham conhecimentos populares, oriundos da cultura popular. Entende-se assim que a cultura popular ganha notoriedade e relevância entre intelectuais europeus, sendo alvo de estudos e pesquisas.

No mesmo século, o termo cultura popular chegou à América Latina e, conseqüentemente, ao Brasil, sendo bastante apreciado pela academia, através das correntes que apoiavam o Folclore.

Desde o final do século XIX, no Brasil, a expressão cultura popular esteve presente numa vertente do pensamento intelectual, formada por folcloristas, antropólogos, sociólogos, educadores e artistas, preocupada com a construção de uma determinada identidade cultural. Artistas, políticos, literatos, intelectuais tentaram responder a estas questões relacionando cultura popular com variados atributos, por vezes contraditórios: ora com a não modernidade, o atraso, o interior, o local, o retrógrado, o entrave à evolução; ora com o futuro positivo, diferente, especial e brilhante para o país, valorizando as singularidades culturais e a vitalidade de uma suposta cultura popular, responsável pelo nascimento de uma nova consciência, uma nova civilização, sempre mestiça. (ABREU, 2003, p.2).

No século XX, com a ascensão da sociologia oriunda da Universidade de São Paulo (USP) nas décadas de 1950 e 1960, os pensamentos foram se alterando. Inicialmente, por existir resistência a tradições, estudiosos refutaram a ideia de cultura popular por acreditarem se tratar de um termo que fugia de questões sociais importantes, como as lutas enfrentadas pelos trabalhadores brasileiros, a classe oprimida.

Se o folclore valorizava o tradicional e o que permanecia, como traços de uma identidade cultural e étnica, marcada pela integração cultural sincrética das 3 raças (também conhecida como a “fábula da união das três raças”), a sociologia das décadas de 1950 e 1960, liderada pela Universidade de São Paulo (USP) de Florestan Fernandes, passou a ver as culturas populares no âmbito da modernização, da mudança social e das desigualdades sociais. Os folcloristas e o folclore passaram a receber críticas profundas por defenderem uma prática tida como não científica, em função de seu pretenso caráter mais descritivo que interpretativo, e por ficarem identificados às forças mais conservadoras de uma sociedade que rapidamente se transformava, cheia de conflitos sociais. (ABREU, 2003, p.5).

Porém, alguns outros pensadores se posicionaram contrários a essa retaliação à cultura popular. Um deles foi Mário de Andrade, importante escritor e estudioso modernista, que “incrementou a pesquisa folclórica e etnográfica, valorizando as culturas populares, no pressuposto de que todos os níveis são dignos e que a ocorrência deles é função da dinâmica das sociedades.” (CANDIDO, 2004, p. 188). Por causa dele e de outros pensadores, entendeu-se ser possível haver um diálogo entre a cultura popular e a necessidade de se dar visibilidade às mazelas vivenciadas pela

sociedade brasileira, uma vez que aspectos culturais estão necessariamente interligados com as situações que um povo está submetido.

Partindo desse pressuposto, muito historiadores trabalharam com o termo cultura popular, tentando defini-lo a partir de estudos mais modernos, com maior engajamento social. A título de ilustração, tem-se o inglês E. P. Thompson, pois para ele “cultura é um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subalterno, a aldeia e a metrópole” (ABREU, 2003, p.9).

Nesse sentido, é possível incluir novamente as ideias do teórico Walter Benjamin que acreditava na beleza das narrativas contadas de boca a boca. Isso porque nelas estão contidas experiências responsáveis pela inspiração de todas as boas histórias. Afinal, “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos” (BENJAMIN, 1994, p.198). Com essa afirmação também percebemos que é possível haver uma ponte entre a linguagem escrita e a narrativa oral, mesclando assim a arte literária com a cultura popular. Inglês de Sousa, em seu conto “Amor de Maria”, e Aníbal Machado, em seu conto “Acontecimento em Vila Feliz”, constroem essa ponte com maestria.

Dessa forma, constatamos que a cultura popular está diretamente ligada à construção literária dos dois contos, visto que impasses ligados à falta de informação acerca de medicações, por exemplo, estão diretamente relacionados a circunstâncias sociais, posta a misticidade presente na cultura popular brasileira. Além disso, há também questões culturais como casamento e maternidade, com forte presença no imaginário brasileiro, sendo essas temáticas abordadas nos contos a serem estudados.

Construção de um conto

Esclarecida a questão de cultura popular e sua importância para as obras, é necessário o entendimento acerca da construção de um conto. Para isso, nos ancoramos nas ideias do escritor Julio Cortázar, em “Alguns aspectos do conto”, e Antonio Candido, em “A personagem do romance”.

Segundo Cortázar, apesar de ser muito difícil classificar o gênero conto e não ser possível contê-lo em regras estritas, é perceptível que “existem certas constantes, certos valores que se aplicam a todos os contos, fantásticos ou realistas, dramáticos ou humorísticos” (CORTÁZAR, 2008, p.149). Assim, o autor foca em aspectos por vezes até subjetivos, mas que estão presentes em todas as obras que considera bem escritas. Isso porque ele como contista se dispõe a analisar tais elementos e apresentá-los a seus leitores, a fim de chegar a um conceito real do que é um conto.

Mas, se não tivermos uma ideia viva do que é o conto, teremos perdido tempo, porque um conto, em última análise, se move nesse plano do homem onde a vida e a expressão escrita dessa vida travam uma batalha fraternal, se me for permitido o termo; e o resultado dessa batalha é o próprio conto, uma síntese viva ao mesmo tempo que uma vida sintetizada, algo assim como um tremor de água dentro de um cristal, uma fugacidade numa permanência. (CORTÁZAR, 2008, p.150-151)

De início, nota-se que a construção literária de um conto se distingue da construção de um romance, na medida em que suas estruturas e propostas são diferentes. Para Cortázar, enquanto o romance se caracteriza por uma história mais longa, com acúmulos de eventos que são desenvolvidos ao decorrer da narrativa, o conto necessita de delimitações e escolhas de elementos, de forma a tornar

os elementos significativos. Nessa perspectiva, podemos afirmar que, segundo o escritor, um bom conto possui três elementos: significação, intensidade e tensão.

Tais aspectos estão intrinsicamente relacionados. Isso porque um conto só se torna significativo quando o autor consegue ultrapassar possíveis barreiras impostas em um tema, indo além da história que é contada. Dessa forma, a significação está inserida tanto na escolha do tema quanto no tratamento literário que esse recebe e necessita da técnica do escritor para desenvolvê-la, ou seja, do ofício de escritor. Por sua vez, a intensidade e a tensão são justamente fruto desse ofício. A primeira está relacionada ao descarte e não utilização de todos os acontecimentos intermediários presentes em uma história – muitas vezes necessário para a construção de um romance, por exemplo. Já a tensão é um tipo diferente de intensidade, pois se manifesta pela forma como a progressão de fatos é contada, fazendo com que o leitor fique preso à narrativa.

Além disso, para um conto ser de qualidade é preciso que o escritor saiba dosar a criatividade com a técnica, pois “o entusiasmo e a boa vontade não bastam por si só, como também não basta o ofício de escritor por si só para escrever contos que fixem literariamente [...]”. (CORTÁZAR, 2008, p.160). Assim, o autor ratifica a ideia de que utilizar a cultura popular não é garantia de sucesso, pois precisam receber um bom tratamento literário como qualquer outro tipo de conto. Como exemplo, Cortázar traz a situação em que histórias regionais dos gaúchos que são transladadas para texto literário e que resultam em péssimos contos.

Em nossas províncias centrais e do Norte existe uma longa tradição de contos orais, que os gaúchos se transmitem de noite à roda do fogo, que os pais continuam contando aos filhos, e que de repente passam pela pena de um escritor regionalista e, na esmagadora maioria dos casos, se convertem em péssimo contos. (CORTÁZAR, 2008, p. 158)

Isso acontece porque esses escritores acreditam que, por tratar de assuntos referentes à cultura popular, apenas transcrever a narrativas orais para o texto escrito é suficiente para criar um bom conto, porém “os contos sobre temas populares só serão bons se se ajustarem, como qualquer outro conto, a essa mecânica interna.” (CORTÁZAR, 2008, p. 162). É o caso do conto “A pata do macaco”, de W. W. Jacobs. Ao lê-lo, Cortázar percebeu que “o interesse, a emoção, o espanto e, finalmente, o entusiasmo foram extraordinários”. (CORTÁZAR, 2008, p. 162). E ainda acrescenta:

E estou seguro de que o conto de Jacobs continua vivo na lembrança desses gaúchos analfabetos, enquanto o conto pretensamente popular, fabricado para eles, com o vocabulário, as aparentes possibilidades intelectuais e os interesses patrióticos deles, deve estar tão esquecido como o escritor que o fabricou. (CORTÁZAR, 2008, p. 162).

Por fim, outro fator de extrema importância é a construção das personagens. Isso porque, segundo Antonio Candido, “o enredo existe através das personagens, as personagens vivem o enredo”. (CANDIDO, 2011, p. 53). Embora Candido estude o romance, as suas considerações podem ser relacionadas ao gênero conto em vários momentos. Assim, uma boa história não basta por si só para que o texto seja de qualidade, é preciso que se saiba como construir suas personagens, sendo talvez a parte mais importante de uma narrativa, uma vez que “nós perdoamos os mais graves defeitos de enredo e de ideia aos grandes criadores de personagens.” (CANDIDO, 2011, p. 54).

ANÁLISE LITERÁRIA DE “AMOR DE MARIA”, DE INGLÊS DE SOUSA

O conto “Amor de Maria”, de Inglês de Sousa, está inserido na obra *Contos Amazônicos*, publicada em 1893, juntamente com mais oito contos em que o autor trabalha a valorização da mitologia amazônica, destacando algumas lendas e elementos presentes no imaginário popular brasileiro. A pesquisadora Dionne Sebrae Freitas divide a obra em duas partes, sendo a primeira com enfoque às causas sociais e a segunda salientando temas que se relacionam com o insólito. A autora ainda destaca que, mesmo presente na segunda seção do livro, o conto “Amor de Maria” é aquele que se desassocia do agrupamento, uma vez há uma abordagem mais realista, não tão presente nos outros contos.

Na segunda divisão de *Contos Amazônicos*, o narrador enfatiza temas relacionados ao fantástico, com exceção do conto “Amor de Maria”, posto que nele o leitor adentra e conhece um pouco do imaginário amazônico, devido a uma gama de informações que são construídas a partir de paradigmas vivenciados pelo povo ribeirinho, aquele que vive nas mediações da floresta, palco dos acontecimentos fantásticos. (FREITAS, 2013, p. 51).

Assim como os outros contos da coletânea, “Amor de Maria” é ambientado no Norte do Brasil, no povoado de Vila Bela. O narrador é denominado procurador e conta a história de Mariquinha, uma jovem muito bonita que recusava todos os pedidos de casamento que recebia, o que despertava a indignação de todos ao seu redor. Certo dia, chega em Vila Bela um rapaz vindo da cidade grande chamado Lourenço, despertando a paixão de várias moças, inclusive de Mariquinha. Ele, filho do capitão Amâncio, se aproveita da situação e começa a se relacionar tanto com a protagonista quanto com outra personagem, considerada a mais feia do povoado.

Isso abala muito Mariquinha, que queria a todo custo ser a escolhida do amado. Ao vê-la frustrada, Margarida, a mãe-de-leite, sugere que a menina utilize o tajá³, dado pela tapuia do lago da francesa, para conquistar o amor de Lourenço. A narrativa se desenvolve em torno da misticidade que envolve a planta, que é venenosa, culminando em um trágico final. “Ainda me lembra a Mariquinha, como se a estivesse vendo. Tão profunda foi a impressão deixada no meu espírito pela desgraça de que foi autora e vítima ao mesmo tempo a afilhada do tenente-coronel Álvaro Bento, a mais gentil rapariga de Vila Bela!” (SOUSA, 1988, p. 41).

Esse final se caracteriza pela morte de Lourenço, ocorrida logo após o consumo da planta letal. Além disso, há também as consequências para três mulheres envolvidas na trama: “A velha Margarida, interrogada pelo delegado de polícia, revelara a sua participação inconsciente naquela horrenda desgraça que aterrou a vila. A tapuia do lago da francesa morreu na cadeia, de maus tratos.” (SOUSA, 1988, p. 49). E quanto à Mariquinha, desapareceu e nunca mais a encontraram.

Em um primeiro momento, o narrador descreve aspectos da vila, que na verdade, se caracteriza mais como uma povoação típica do interior brasileiro: poucas ruas, havendo uma praça com uma igreja localizada em seu centro na rua principal, e algumas casas de frente para o rio. Com a chegada de Lourenço, é falado um pouco sobre a cidade grande, posto que o rapaz se mudara para o Maranhão a fim de estudar, e de como os costumes e aparências causaram estranheza na população de Vila Bela.

O filho do capitão Amâncio era um rapaz alto e louro, bem apessoado. Imaginem se devia ou não agradar às moças de um lugarejo, em que toda gente é morena e baixa. Acrescia que Lourenço tinha uns modos que só se encontravam nas cidades

³ Segundo o *Dicionário do Folclore Brasileiro*, os tajás são tipos de plantas que pertencem ao gênero *Caludium*, muito populares entre os indígenas e rodeados de superstições quanto a seus benefícios.

adiantadas, vestia à última moda e com apuro, falava bem e era desembaraçado. [...] Demais, chegara do Pará, sabia as novidades, criticava com muita graça os defeitos das moças. E montava a cavalo com uma elegância nunca vista, e que eu (apesar de já ter estado no Pará, no Maranhão e na Bahia, não podia deixar de admirar. (SOUSA, 1988, p. 43)

É importante destacar que Mariquinha era uma jovem muito bonita que “desde que chegara aos quatorze anos, começara a moça a ser pedida em casamento e aos dezoito anos recusara nove ou dez pretendentes, coisa admirável numa terra com poucos rapazes solteiros.” (SOUSA, 1988, p. 42). Quando perguntavam o porquê, ela apenas respondia que não tinha pressa. Entretanto, com a chegada de Lourenço, ela se apaixonou repentinamente. Fica claro no conto que ela se encantou com sua aparência, já que “o filho do capitão Amâncio era um rapaz alto e louro, bem apessoado. Imaginem se devia ou não agradar às moças de um lugarejo, em que toda gente é morena e baixa.” (SOUSA, 1988, p. 43). Porém, além disso, é possível que os modos da cidade grande tenham encantado Mariquinha, pois, à primeira vista, a jovem não se mostrou interessada no rapaz, vendo a petulância em seu jeito. Contudo, pouco depois, viu-se perdidamente apaixonada pelo filho do capitão.

Foi um acontecimento a chegada de Lourenço de Miranda. O capitão Amâncio, todo orgulhoso, apresentou-o logo à metade da população. Toda gente era obrigada a fazer-lhe elogios, posto que a muitos não agradassem aqueles modos petulantes, que pareciam dizer: - *Vocês são uns bobos!* Quem se saiu com essa, em primeiro lugar, foi a espirituosa Mariquinha, que o vira pela primeira vez à missa do Natal, mas que, coitada! logo depois foi castigada pela liberdade com que falara o homem, cuja vida seria ligada a seu destino. (SOUSA, 1988, p. 43).

Outro ponto relevante é que o narrador tece críticas à política da época, aspectos mais presentes no outro agrupamento de contos, como já citado. Ele afirma que antes a situação era melhor, as relações mais agradáveis. Porém, no tempo em que está narrando, tudo se modificou. “A maldita da política dividiu a população, azedou os ânimos, avivou a intriga e tornou insuportável a vida nos lugarejos da beira do rio.” (SOUSA, 1988, p. 42). Nessa parte já conseguimos notar uma contraposição entre o narrador – que é procurador – e os habitantes da vila. Enquanto as pessoas brigam por partidos políticos, o narrador se mostra contrário a isso.

Depois que o povo começou a tomar a sério esse negócio de partidos, que os doutores do Pará e do Rio de Janeiro inventaram como meio de vida, numa aldeola de trinta casas as famílias odeiam-se e descompõem-se [...]. Por mim, entendo que era melhor sermos todos amigos, tratarmos do nosso cacau e da nossa seringa, que isso de política não leva ninguém adiante e só serve para desgostos e consumições. [...] O principal é que as enchentes não sejam grandes e que o gado não morra de peste. (SOUSA, 1988, p. 42).

No decorrer da narrativa, segundo Freitas, é possível perceber a presença de alguns elementos românticos no conto. A autora aponta que a principal representação desse estilo de época é notada na descrição de Mariquinha que assemelha a caracterização de personagens femininas do Romantismo, como as de José de Alencar. Além disso, Freitas pontua que “a afilhada de Álvaro Bento é caracterizada sob uma perspectiva dialética, ora é idealizada como uma heroína romântica, ora como uma feiticeira, um demônio capaz de hipnotizar, atrair, encantar, e transformar a cabeça de todos os homens da vila.” (FREITAS, 2013, p. 53).

Apesar disso, segundo a pesquisadora Lúcia Miguel Pereira, há também traços do Naturalismo, estilo de época vigente no período em que o conto foi escrito. Para Eliane Sarri, “é possível definir o Naturalismo a partir de alguns elementos: a fatalidade; o determinismo; a contemporaneidade; a fidelidade dos personagens e a linguagem simples.” (SARRI, 2017, p. 12). Em Inglês de Sousa – e assim em “Amor de Maria” – o grande aspecto naturalista presente é o fatalismo. “De maneira muito clara, o autor faz da fatalidade e da tragédia elementos essenciais de suas obras, colocando seus personagens em relação direta e condicionada a um fim sem sucesso, sem glórias e sem vitórias.” (SARRI, 2017, p. 26). Vemos isso, por exemplo, quando o narrador traz suposições sobre o paradeiro de Mariquinha, não apontando nenhum pensamento otimista.

Quanto à formosa e infeliz Mariquinha, desaparecera em Vila Bela, sem que jamais se soubesse o seu paradeiro. Ter-se-ia atirado ao rio e confiado à incerta correnteza aquele corpo adorável, tão desejado em vida? Ter-se-ia internado pela floresta para perder-se na solidão das matas? Quem jamais o pôde dizer? (SOUSA, 1988, p. 49).

Outro elemento naturalista nítido na obra de Inglês de Sousa é o determinismo, “pois os personagens não têm vontade própria e são conduzidos pelo destino que outrora já estava traçado e decidido.” (SARRI, 2017, p. 26). Nesse conto, o determinismo se mostra na medida em que as escolhas de Mariquinha e as atitudes das outras mulheres são determinadas – ou no mínimo influenciadas – pelo meio em que se situam.

É importante observar que a jovem só usou esse recurso porque acreditou no poder miraculoso da mencionada erva, pois, como já foi aludido anteriormente, Margarida, sua ama preta, transmitiu à menina também toda sua crença no tajá, isto é, não tinha como duvidar uma vez que a senhora ‘provou’ com exemplos. (FREITAS, 2013, p. 56).

O determinismo também está presente quando o narrador descreve o início da paixão de Mariquinha por Lourenço. Como já apresentado, a protagonista não se vê apaixonada em um primeiro momento, porém “logo depois foi castigada pela liberdade com que falara o homem, cuja vida seria ligada a seu destino.” (SOUSA, 1988, p. 43). Ao falar de destino, fica clara a presença determinista.

Quanto à cultura popular, há forte presença da misticidade inserida na parte final do conto, quando o tajá aparece. No início da narrativa, o conto parece muito real e comum, pois conta a história de uma moça que ansiava pela aparição de um jovem que lhe conquistasse o coração. Esse jovem aparece, mas a situação não ocorre como o idealizado pela protagonista, que acaba entrando em uma tristeza profunda por não ser correspondida em seu amor.

Assim, sem a presença de crenças mitológicas ou fantásticas, a história se assemelha a outras milhares. Porém, quando a ama preta oferece a erva para Mariquinha, encontramos a presença de uma lenda amazônica. Isto é, acreditava-se que esse tajá, assim como vários outros tipos, tinha efeitos místicos e milagrosos. No *Dicionário do Folclore Brasileiro*, Luís da Câmara Cascudo afirma que

Os tajás são incontáveis no Pará e no Amazonas, com tipos mais lindos pelas dimensões, desenho e colorido. O gênero *Caludium* é popularíssimo entre os indígenas, centro de superstições assombrosas, tradições medicamentosas, transmitido à população mestiça, fiel respeitadora de todos esses pavores. (CASCUDO, 2012, p. 669).

Além disso, Cascudo pontua que “há um tajá para cada desejo humano desde o amor até a gulodice.” (CASCUDO, 2012, p. 669). No Dicionário do Folclore Brasileiro, ele apresenta diversos tipos de tajá e suas funções. O tajá utilizado na história condizia com o desejo de conquistar o amado, sendo então muito provável que fosse o “tambatajá (*Dracotinium asperum*, Koch), popularizado pelos indígenas maués, que dizem irresistível para fortalecer os laços sexuais, despertar a atenção amorosa e tornar indispensável a companhia desejada.” (CASCUDO, 2012, p. 670). Em “Amor de Maria”, ele era um remédio que não falhava. Necessitava-se apenas de uma dose e o seu resultado viria: o homem se apaixonaria perdidamente pela mulher que lhe desse de tomar.

– Não se pode duvidar. É remédio que não falha. Porque é que o capitão Amâncio ficou-se babando pela velha Inácia? Está claro que sendo velha e feia, só podia ser feitiço. E o senhor mesmo, seu padrinho como foi que ficou tão agarrado à defunta Miquelina? Era preciso que eu não fosse de casa, para não saber? Pois se fui eu mesma quem arranhou o tajá. A defunta andava chorando, chorando, não comia nem bebia, por ciúmes de Joanhinha Sapateira. Nunca mais o senhor quis saber dela, e era só Miquelina para cá, Miquelina para lá, até que lhe deu aquela dor no peito que a matou, coitadinha! (SOUSA, 1988, p. 48)

Nota-se que o próprio narrador se posiciona quanto ao uso do tajá e outros elementos ditas como milagrosas. “Custa-me a acabar essa triste história, que prova quão perniciososa é a crença do nosso povo em feitiços e feitiças.” (SOUSA, 1988, p. 49). Mostrando que as crendices e o imaginário popular podem ser perigosos. Ele também finaliza a narrativa contando que “só resta como lembrança em Vila Bela o nome Amor de Maria, dado pelo povo ao terrível tajá que matou o filho do capitão Amâncio.” (SOUSA, 1988, p. 49). Percebemos então que, além de ser cético quanto aos poderes milagrosos do tajá, o narrador também atribui à planta a morte de Lourenço.

CONCLUSÃO

Ao concluir esse artigo, pode-se constatar que a cultura popular está extremamente ligada com a construção literária de “Amor de Maria”, de Inglês de Sousa, uma vez que toda a narrativa aponta para a misticidade que envolve o tajá. Outros elementos também culminam na presença do imaginário popular no conto. É o caso da contraposição entre o procurador e as pessoas do povoado, além das diferenças entre cidade grande e cidade do interior.

Ademais, percebe-se que, apesar de possuir alguns aspectos românticos e tratar de assuntos bem regionais e, por isso, em um primeiro momento, parecer destoar do estilo de época vigente na escrita do conto, Inglês de Sousa tem traços muito marcantes do Naturalismo. Em especial, destaca-se o fatalismo e o determinismo, presentes tanto na construção das personagens quanto no desenrolar da narrativa.

Cumpriu-se assim todos os objetivos da pesquisa, de forma a tratar da análise do conto com ênfase para a presença da cultura popular e de elementos naturalistas. Com isso, tornou-se possível entender, por exemplo, o porquê de as ações da protagonista serem tão influenciadas pelas situações e atitudes externas, posto que isso é uma das características principais do Naturalismo.

Nesse sentido, a pesquisa trouxe, através da análise do conto “Amor de Maria”, uma maior concepção acerca da cultura popular e sua relação com a construção de narrativas, em especial àquela escrita por Inglês de Sousa. Dessa forma, oportunizou-se o desenvolvimento de um estudo acerca de um autor muito importante, porém pouco estudado, do norte do Brasil, priorizando um diálogo entre duas áreas – cultura e literatura.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Martha. Cultura popular, um conceito e várias histórias. In: **Ensino de História, Conceitos, Temáticas e Metodologias**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política**. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.197- 221.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 2. Ed. São Paulo: Cultrix, 1980.
- CANDIDO, Antonio et al. **A personagem de ficção**. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- CANDIDO, Antonio et al. O direito à literatura In: **Vários Escritos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2004, p. 169-191.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 12. ed. São Paulo: Global, 2012.
- CORTÁZAR, Julio. Alguns aspectos do conto. In: **Valise de cronópio**. Tradução de Davi Arriguci Júnior e João Alexandre Barbosa. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008, p.147-163.
- FREITAS, Dionne Seabra de. **Fantástico e imaginário em contos de Inglês de Sousa**. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. **Prosa de ficção: história da literatura brasileira (de 1870 a 1920)**. 4.ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.
- SARRI, Eliane. **História e mito na região amazônica: uma análise dos contos naturalistas de Inglês de Sousa**. 2017. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Letras) – Universidade de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2017.
- SOUSA, Inglês de. Amor de Maria. In: **Contos amazônicos**. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p.41-49.